

1º Ato

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE, CHAMANDO REPETIDAMENTE.

Solano - (depois de trez ou quatro chamadas) Eu sou completamente avêssô a brigas e confusões. Adoro a paz! Mas... decididamente, ainda vou ter que acabar na delegacia do distrito, dando parte dessas crianças da vizinhança. Não é possível alguém tolerar uma coisa destas. Há quinze minutos que tocam a campainha da porta. Eu me levanto... vou atender... não é ninguém. Volto ao meu lugar, sento-me, eles batem de novo e se escondem. Isto é um inferno! Há ^{quasi} meia hora que eles estão nesta brincadeira de mau gosto.

Altamira - (afastada, gritando, furiosa) Você não está ouvindo a campainha do telefone, batendo há mais de uma hora, Solano? O que é que você está fazendo que não atende?

Solano - (projetando) Não é ninguém, Altamira. São as crianças da vizinhança, brincando na campainha da porta.

Altamira - (afastada, gritando) Campainha da porta coisa nenhuma, seu banana grande. Você não está vendo logo que é a campainha do telefone, seu basbaque. Atenda dum vez, ande.

Solano - (projetando) Está bem, Altamira, eu vou fazer a sua vontade, vou ~~abrir~~ abrir mais uma vez, mas já vou sabendo que não vou encontrar ninguém.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE. CESSA O TELEFONE.

Solano - (2º plano) Eu não disse? Eu sabia. Os marotos batem e se escondem. Há mais de meia hora que eles estão fazendo isto.

CONTRA REGRA - PORTA QUE FECHA. O TELEFONE RECOMEÇA AS CHAMADAS.

Solano - ((vindo a 1º plano)) É mal eu fecho a porta, eles tornam a bater. Ó. Eles querem é que eu faça movimento, mas agora eles podem bater a vida toda porque eu não abro mais nem que a Altamira se rasgue.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA, RÁPIDOS SE APROXIMAM.

Laura - (nervosa e apressada) Meu Deus, papai, que coisa horrível! Que é que o senhor faz que não atende essa porcaria que chega a deixar a gente nervosa de tanto tocar...

CONTRA REGRA - RUÍDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO.

Laura - Alô! Quem fala? (Pausa) Ah, é você, Claudionor? (Pausa) Não, não, foi o engracadinho do papai que resolveu simplesmente deixar o telefone tocar e não atender.

Solano - (à parte) Ah, era o telefone!... Por isso que eu ia lá, abria a porta e não achava ninguém. Eu estou cada vez mais distraído.

Laura - (ao telefone) Não, não, qual nada. Nós ainda nem estamos prontas. (Pausa) O quê?! Uma hora mais?! Não, não, também não é preciso tanto. A não falta trazer os sapatos, pegar a bolsa e as luvas. (Pausa) A não? Ah, bem, a mãe tem que tirar os papalotes, pentear os cabelos e botar o chapéu. (Pausa) Bem, isso tudo... é você tem razão, sim. Em

menos de uma hora ela não estará pronta.

Solano - (2º plano) Uma hora só? Para tirar os papéletes, se pentear e botar o chapéu? Então você não conhece a sua mãe, Laura. Bote duas horas e olhe lá.

Laura - (rispida) Pare com essas tolices, sim, ²papai? (transição rápida) Não, não, meu bem, não foi com você que eu falei. Era o papai que estava aqui a fazer umas gracinhas tolas e eu me aborreci com ele. (Pausa) Não, não, que esperança! (Pausa) Está muito bem, quando mãe estiver pronta eu telefono para você. (Pausa) Está bem. Até logo, meu bem.

CONTRA REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE. PASSOS DE MULHER SE AFASTAM POUCO.

Solano - (para 2º plano) Onde é que vocês vão? Posso ao menos saber?

Laura - (2º plano) A uma reunião litero-musical, organizada pela consuleza do Mexico. Por que?

Solano - Eu não posso ir com vocês?

Laura - (2º p.) Ah, não sei. Isso é lá com a mãe. Ela é quem resolve.

Altamira - (afastada, gritando) Laurita, minha filha, você não vem me ajudar a tirar estes papéletes? Eu estou atrapalhadíssima!

Laura - (afastada e projetando para mais longe) Já vou, mãe, já vou.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE COMEÇAM AFASTADOS E SE AFASTAM MAIS ATÉ DESAPARECER.

Solano - (sóinho) Essa mania da Altamira de se infiltrar no meio dessa gente grandinha, já está se tornando uma verdadeira obsessão. Ela não pensa noutra coisa que não seja a reunião na casa da dona fulana dos Anzóis Carapuça, nos chás da esposa do Senador Coisa e Tal, no jantar organizado pela senhora do Ministro Tal e Coisa, nas reuniões de bridge no

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

→ palacete de sua Excelência o senhor Embaixador da Ilha da Pintada, nas sessões de... (transição) Ah, é você, Lolita?

Lolita - Sim, titio. Vin saber se o senhor vai jantar em casa que é para ajudar a cozinheira fazer qualquer coisa.

Solano - Si eu vou jantar em casa? Não sei, minha filha, ainda não falei com a Altamira. Não sei nem si vou à festa e elas vão ou si não vou.

Lolita - Acho que o senhor não vai, não, titio. Nós ainda não temos licença para essas coisas. O senhor até que se corrija das suas distrações e não arrisque o bom nome da família cometendo alguma gafeta imperdoável e eu... até que Laurita se case e não haja mais perigo de que eu lhe faça sombra.

Solano - Hein?!... Como foi que você disse?

Lolita - Que eu não irei a festas com minha tia e minha prima, enquanto Laurita não se casar. Tia Hermengarda foi fazer a tolice de dizer à tia Altamira que eu era mais simpática do que Laurita...

Solano - E é mesmo, óra essa! Quem não sabe?

Lolita - (senti) Que com certeza faria sucesso na sociedade e logo me casaria... Tia Altamira ficou desesperada com a ideia de que eu pudesse passar a perna (como ela diz) na minha prima e resolveu que só depois que Laurita se casasse é que eu me apresentaria na sociedade.

- Cabeça torço a de Altamira. Cheia de*
- Solano - Mas isso é o cúmulo! Só mesmo uma ~~pequena~~ *de melão* ~~que tenha as tripas na mesa~~ *de melão*, poderia tomar uma resolução destas.
- Lolita - Bem, titio, é que ela é alucinada pela filha e a gente precisa compreender para admitir.
- Solano - Pois é, mas a filha também é minha e eu não faço a menor distinção entre vocês. E nem poderia ~~mesmo~~ fazer. Si você veio para a minha casa com cinco dias apenas...
- Lolita - Bom, mas também a sua ~~maneira~~ afeição por mim tem que ser diferente ~~da de tia Altamira~~, tio Solano. Nasci de uma irmã sua, temos o mesmo sangue, ~~ao passo que ela não~~.
- Solano - Isso não ~~//~~ desculpa ~~para~~ o procedimento de Altamira. A gente cria uma criatura que foi engeitada à nossa porta e se afeiçoa a ela pela convivência, mesmo sem saber de onde ela veio, ~~quantas vezes~~ quanto mais sabendo e conhecendo a origem da ~~sua~~ *criança*. ~~E que a Altamira tem dessas coisas. Toda a vida foi assim parcial... facinora...~~ *(alto)* ~~mas a coisa do casamento é outra e se eu coloco como entende, não~~
- Lolita - *(corta)* Cuidado, tio, pelo amor de Deus! Não fale ~~assim~~ tão alto, que ela pode escutar lá do quarto e aí o senhor já sabe o que nos aconteceu.
- Solano - *(baixando o tom)* Diabo! Não é que eu me esqueci que ela ainda estava em casa?
- Lolita - Deus nos livre que ela ~~escute~~ *falando assim* ~~qualquer coisa ao seu procedimento;~~ ~~a casa vem toda a baixo. Não fica uma parede de pé.~~
- Solano - *(depois de pausa, ainda em meio tom)* Mas então ela não quer que você se apresente ~~em sociedade~~ antes que Laurita tenha casado?
- Lolita - É, sim. E foi ela mesma quem me disse. É lógico que não disse claramente o motivo, mas eu compreendi logo.
- Solano - E qual foi a alegação que ela fez?
- Lolita - ~~A~~ *despesas* com as toiles.
- Solano - Tolices! Graças a Deus eu posso dar as mesmas coisas para as ~~duas~~, sem que isto me peze.
- Lolita - Eu sei, titio e ela também sabe. Naturalmente, como eu já lhe disse, isso não foi mais do que um pretexto ~~para~~ justificar a sua exigência.
- Solano - *(num suspiro)* É, minha filha, o ruim em tudo ~~isso~~ foi eu não ter sabido impor a minha vontade, desde os primeiros dias do casamento. Ela tomou as rédeas nos dentes e agora eu já não tenho mais ~~a~~ *energia* para contê-la. *(Pausa e Tom)* É uma tolice muito grande o que ela está fazendo. E sem razão alguma. Afinal... Laurita já está noiva... ~~em~~ *casar-se-á* dentro de seis meses...
- Lolita - Mas a questão é que o senhor sabe, como eu também sei, que nem Laurita gosta muito de Claudionor e nem Claudionor é o genro que tia Altamira havia sonhado. Daí...
- Solano - *(corta)* Mas então por que consentiu que a filha tratasse casamento com ele?
- Lolita - Bem, porque em falta de outro ele não chega a ser um pretendente que se possa desprezar. Pertence a uma família de estirpe que, embora ~~seja~~ *decaída* financeira, é acatada e recebida por toda a sociedade elegante. Não deixa de ser uma porta de acesso para tia Altamira ingressar

sar no meio que ela tanto ^{adora e} ambiciona. Como ^{está mal, e está ficando} o se-
nhor bem viu que desde que Laurita tratou casamento, que tia Altamira
abandonou ~~completamente~~ ^{total} as suas amizades antigas para só frequentar as
rodas mais finas e aristocráticas da cidade.

Solano - E ele? Casará com minha filha somente por saber que eu tenho dinheiro?

Lolita - (vaga tristeza) Não sei, titio! Pode-se lá saber o que anda no cora-
ção dos outros? Às vezes não sabemos nem o que se passa no nosso próprio
coração... Ele talvez goste dela. Laurita é interessante... inteligente
... veste-se muito bem... é graciosa...

Solano - Sim, sim, tudo isto eu sei, mas também é geniosa e interesseira como
a mãe dela. ^(T) E quando penso nisto... chego a ter pena do rapaz, você sa-
be?

Lolita - Pode ser que ele tenha tempo de conhecer melhor a noiva e desista do
casamento.

Solano - Mas si ela quizer mesmo casar com ele... por mais que dure o noivado ele
só chegará a conhecê-la verdadeiramente, no dia seguinte ^{do} do casamento. ²
A mãe fez assim comigo e ela é igualzinha à mãe.

Lolita - Bem, mas si ele quizer casar com ela apenas por interesse, o temperamen-
to que ela está escondendo não deixará de ser um justo castigo para a
ambição dele.

Solano - Pois é, mas é eu que não merecia esse castigo e o recebi? Casei por gran-
de amor com uma pingada e ^{no fim} ela me saiu uma grande respingada.

Lolita - É... ~~são~~ dessas coisas que acontecem e que a gente não sabe porque.

Solano - (depois de pausa) Eu preciso dar um jeito de saber si esse rapaz tem
interesse no meu dinheiro. Não sei que jeito ha de ser, mas hei de dar.
E si eu souber que realmente é o interesse que o prende à minha filha,
pela primeira vez na minha vida vou ter que parar patrulha com a minha
mulher.

Lolita - Ih, titio, nesse dia o senhor me avise que eu vou fugir para a casa da
tia Hermengarda.

Laurita - (afastada) Posso avisar o Claudionor ^{venha}, mãe?

Lolita - (baixo) Cuidado, titio. Não fale mais que elas vão si-
CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM.

Laurita - (vinde e projetando, como quem fala para trás) Não vá se esquecer das
luvas, mãe. Da última vez que saímos, tivemos que voltar da me-
tade do caminho por causa disto. (Já perto, tom seco) Olá.

Lolita - (amável) Hum-hum, como ela está bonita!

Laurita - (seca, mas sem ser bruta) Não tenho mais tempo para ouvir elogios. Es-
tamos atrasadíssimas. Mãe levou mais de uma hora para tirar os pape-
lotas e arrumar os cabelos. "Ninguém" foi capaz de ir ajudá-la. Eu ^{ainda} ^{ainda}
ainda tive que fazer isto.

Lolita - Eu me ofereci para ~~ajudá-la~~, Laurita, titia é que não aceitou.

Laurita - Pois é, ~~ajudá-la~~ eu que me arranje a cuidar de mim e dela ao mesmo tem-
po.

CONTRA REGRA - DISCA CINCO NÚMEROS DE TELEFONE E LEVANTA O FONE DO GANCHO.

Lolita - (na pausa de espera vai falando e se enervando até ficar furiosa)

Laurita - Eu estava explicando as papéis que é moderna a cor do meu vestido. Ele parece que não gostou muito.

Altamira - E você ainda vai atrás do que seu pai possa pensar ou dizer? Seu pai não entende absolutamente nada de modas. Nem de modas nem de coisa nenhuma. Além disso, você sabe que ele é daqueles que faz questão absoluta de estar sempre contra a opinião dos demais. Se todos se inclinam para um lado, pode estar certa que ele, automaticamente, vai para o lado contrário. É um oposicionista sistemático. Até parece certos políticos que passaram a vida inteira gritando contra tudo que os outros fizeram e no entanto eles nunca fizeram outra coisa senão gritar.

Laurita - É o caso do hespanhol aquele que desembarcou numa ilha deserta e ao encontrar por acaso um outro camarada perguntou-lhe em seguida: Hay gobierno acá? Yo soy contra.

Lolita - Que horror, Laurita! Eu não acho que titio seja assim.

Altamira - Ah, mas você nunca acha que nós tenhamos razão. Está sempre e incondicionalmente, ao lado de seu tio. Os defeitos que nós achamos nele... nós é que os temos.

Lolita - Eu nunca disse isso, titia.

Altamira - Bem, você nunca se atreveu a dizer, realmente, mas pensar... não tem conta as vezes que há de ter pensado.

~~OPERADOR - BUSINA INSISTENTE DE AUTOMÓVEL BEM AFASTADO.~~

Laurita - ~~Sim~~ ^{Sim} mãe, o Claudionor ~~está~~ ^{está} lá em baixo. Vamos depressa que estamos atrasadíssimos.

Altamira - Vamos, sim. Bem, até logo para vocês. Atenda o seu tio, Lolita.

Lolita - Sim, titia, esteja descansada. E divirta-se.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DUAS MULHERES QUE SE APASTAM LIGEIRAS MAS LOGO PARAM.

Solano - (projetando) Um momento, Altamira. Você não acha que eu também poderia ir a essa festa com vocês?

Altamira - ~~Agora?~~ (29 plano) Agora? Quando já estamos na hora de sair? Era só o que faltava que ainda fôssemos esperar por você.

Solano - Mas vocês não precisam esperar. Eu vi isto, tome um automóvel e vou depois sozinho. Encontro vocês lá.

Altamira - Ah não. De maneira nenhuma. Isso é contra todas as normas do bom tom. E mesmo você ainda não está suficientemente preparado para ambientes de luxo e de requinte. Melhorou um pouquinho depois que se casou mas no fundo não deixa de ser o mesmo caseiro grosso que sempre foi. Fique em casa fazendo companhia à sua mimosa sobrinha. Techau.

CONTRA REGRA - SEGUIM OS PASSOS DA ALTURA ONDE PARARAM E SOMEM.

Solano - Veja só! Quem ouve ela falar, fica pensando que ela nasceu em berço de ouro e no entanto eu fui encontrá-la num barracão ao fundo de um depósito de garrafas vazias. Não fosse o meu trabalho e o meu dinheiro, eu queria ver se ela estaria hoje frequentando as rodas que frequenta.

Lolita - A vida é dessas coisas, titio. Não se aborreça por isto. Diga-me se quer jantar em casa que eu vou num instante preparar qualquer coisa para o senhor.

Solano - Não. Eu vou jantar fora só pelo desafio dela. E digo mais vou arrumar qualquer festa para ir esta noite.

Lolita - Titio!

Solano - É claro. Então a minha mulher vai para uma festa e eu vou ficar em casa de braços cruzados como um idiota? Não e não. Vou aproveitar estas horas de liberdade e vou me divertir também. Hoje eu vou até dançar. Ah, danço. Hoje eu danço. Nem que seja lá no tal de frango, hoje eu hei de dançar.

Lolita - Nem que seja onde, titio? No frango, o senhor disse?! Que é isso?

Solano - Frango, minha filha, é uma casa de diversões que existe por aí.

Lolita - Casa de diversões com o nome de frango?! Que coisa mais exqu岸ita!

Solano - Bom, quer dizer... eu também não tenho bem a certeza de que seja frango, mas se não fôr frango é galo ou coisa parecida. Bem, mas o nome não interessa, o que interessa é que eu encontre por lá algumas franguinhas as que queiram se divertir comigo. E aí, viva a farrá!... Viva a liberdade! Abaixo a Altamira!... Abaixo a ditadora!...

Lolita - (rindo com vontade) Pura, titio! Se tia Altamira ouvisse o que o senhor está dizendo!... *Tia Altamira voltou, titio, olhe ali,*

Solano - ~~Não fale. Não fale, minha filha.~~ *(Se encolhe todo) Não fale.*

Lolita - Quem lá para baixo era o Senhor!... *(ri com vontade)*
Solano - Ah, minha filha!... Você quer me fazer um infarto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

2º A T O

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 2º ATO.

Claudionor - Boa tarde, seu Solano.

Solano - (Polido) Boa tarde.

Claudionor - Então, o que é que há?

Solano - O que é que há, pergunto eu. Você saiu com a sua noiva e a sua futura sogra e volta sozinho...

Claudionor - É que nós já vínhamos de volta para casa, quando passamos no Instituto e elas se lembraram de que tinham hora marcada para fazer unhas. Então entraram e eu vim esperá-las aqui.

Solano - Aquelas duas nunca sabem bem a quantas horas. Por que não vieram com você e não deixaram as unhas para amanhã?

Claudionor - Mas é que esta noite nós temos uma recepção em casa de Madame Weinert e elas acharam que estavam com as unhas feias.

Solano - Você desculpe a minha franqueza, Claudionor, mas nunca vi quem vá mais a festas do que ~~o tio maravilhoso~~ Altamira, Laurita e Claudionor. *Oh, não, não, não...*

Claudionor - Mas é uma das poucas coisas agradáveis da vida, seu Solano. E a vida, por sua vez, é tão curta que não devemos deixar de aproveitá-la, ~~se possível.~~

Solano - Esta bem. Até certo ponto eu concordo com você, mas a verdade é que também há coisas sérias que não devem ser desprezadas pelas agradáveis. O trabalho, por exemplo.

Claudionor - A máquina que trabalha muito gasta depressa a suas peças e se inutiliza, seu Solano.

Solano - Mas a que não trabalha nunca, mais depressa ainda se enferruja e se inutiliza também.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.

Volano - (cortando) Espere, Lolita. Que é que você ia me perguntar?

Solano - Parece que sim. Elas ficaram num Instituto de beleza e Claudionor veio esperá-las aqui. Você ouviu elas falarem alguma coisa se viriam jantar?

Claudianor - Pois olhe, não parece. Você procura estar sempre tão arredada de mim que eu chego a ter a impressão de lhe ~~haver~~ feito qualquer coisa, impun-
sadamente.

CAudienor - Mas afinal... nós vamos ter primos... poderíamos ter mais intimidade
um com o outro; não acha?

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APASMA.

Colano - É timidez, pobresinha. Também... nunca saiu de casa... nunca conviveu com rapazes... quando se vê na presença de algum, fica toda atropalhada.

Solano - Por que? Você tem consciencia de lhe haver feito alguma coisa?

Claudioner - Bem é que... Não, não, talices. Não deve ser por isso.

Solano - Reticências e palavras cruzadas não me agradam, Claudimor, Gosto das coisas claras, sem subterfúgios.

Glaudioneer - Não, não... não houve nada entre nós, afianço-lhe.

Polano - Bem, então só pode ser o que eu disse a principio: tímides e nada mais.

Claudionor - É, deve ser isto, então.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Claudio - Já estamos atrelados, meu bem. A recepção está marcada para as nove e não sei mais.

Louise - Mãe é sempre assim. Não há jeito de se conseguir que ela esteja pronta antes da hora marcada. É sempre depois.

Solano - Ah, minha filha, exija de Altamir pontualidade para qualquer coisa.

é o mesmo que pretender que florçam rosas num pé de couve. Toda a vida foi assim.

Laurita - E isso que ela foi se arrumar muito antes de mim. E depois dela ter ido inda fumei um cigarro, joguei uma partida de damas com o senhor, e depois é que fui me vestir. Já estou pronta há séculos e ela ainda não.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.

Claudionor - Pronto, ela já vem aí.

Altamira - (aproximando-se) Demorei muito?

Laurita - Demorou, sim, já estamos atrasadas.

Altamira - É que depois de ter posto o meu adereço de grande, achei que o de pequena fazia um efeito mais bonito sobre vestido rocas de vesti-
do. Óra, já se vê que trocando o colar, teria que trocar também os
brincos, a pulseira, o anel, o broche... enfim, tinha que trocar tudo.
Daí a causa da demora.

Claudionor - Podemos ir?

Altamira - Claro que podemos. Por chegarmos atrasadas não perdemos, pelo contrário, não deixa de constituir um detalhe de bom tom chegarmos um pouco avan-
çadas na hora estipulada. Um pouco, é claro, porque se nos atrasarmos muito já deixaremos de ser elegantes para estarmos cometendo uma gran-
de gafe.

Laurita - Pois então vamos de uma vez para que isto não aconteça.

Altamira - Vamos, sim, vamos.

Claudionor - Boa noite, seu Solano.

Solano - Boa noite, divirta-se.

Laurita - (carinho afetado) Boa noite, papaisinho.

CONTRA REGRA - PASSOS DE TRÊS PESSOAS QUE SE AFASTAM.

Altamira - (2º plano, projetando) Não se leve tarde, Solano. E veja se não apa-
zha frio, também. Olhe a sua ária. Diga à Lolita que não se esqueça
de lhe dar o seu remédio.

Solano - (depois que os passos somem) Hum! A minha ária! Como se ela se preocu-
passe muito com a minha saúde! E agora também (Armedando) "Boa noi-
te papaisinho". Fazendo-se de cordeirinho meu do noivo. Ah que se
tú soubesses a espiga que vais levar!... (TON) Sabes que no fundo eu
tenho pena dele? É um gurizão fútil, mas não é mau. (Pausa, refletindo)
Engraçado... eu achei estranho aquele negócio... (Chamando) Lolita! hoti-
ta, Oh Lolita! Vem cá minha filha, eu quero falar contigo.

Lolita - (afastada) Já vou lá, titio. Um momentinho só.

Solano - (intutando) Deve ter havido qualquer coisa entre Lolita e Claudionor.
Realmente só hoje eu me dei conta que ela tem uma atitude muito exqui-
sita na presença do rapaz. E aquelas reticências dele... deixaram uma
desconfiança muito grande no meu espírito.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMA.

Solano - E vai ser agora mesmo que eu vou botar o preto no branco.

Lolita - Desejava alguma coisa, titio?

Solano - Desejava, sim, minha filha. Desejava dizer-te que tua tia recomendou,
ao sair, que tú não te esquecesses do meu remédio da ária.

Lolita - Não me esquecerei, titio, pode estar descansado.

Solano - Claro que estou, ora essa! Se foi você quem sempre cuidou da minha saúde e nunca se esqueceu de coisa alguma... Estou repetindo as recomendações da minha mulher, apenas por ironia. Que se importa ela com a minha saúde? Nem liga se eu tomo o remédio ou deixo de tomá-lo. Faz aquilo só por encenação na frente do futuro genro.

Lolita - Quem sabe, titio? Pode ser que ela tenha sido sincera.

Solano - Olhe que você talvez tenha razão. E sabe por que? Porque a minha asma perturba-lhe o sono e ela fica desesperada por não poder dormir direito. Eu me lembro, ainda, da última vez que a tive, como essa mulher proguejou! E com toda a certeza o que ela tem é mêdo de não poder dormir descansada. (TOM) Mas você precisava ver o cinismo da outra. (arrumando) "Boa noite, paisinho!" Era um anjo falando, na presença do rapaz. Mas si ele pudesse ouvi-la de longe, havia de se surpreender. E eu tenho raiva é de mim, você sabe?

Lolita - Por que, titio?!

Solano - Porque sou um covarde, um vencido, um velho acalcanhado e sem tutano, que não tenho a coragem de aproveitar um momento destes para desmascará-las. Dizer bem firme, de cabeça levantada e encarando de frente os olhos cingentos e ferinos da Altamira: Que bobagem é essa, menina? Você nunca me chamou de paisinho, nunca me ligou a menor importância... sempre me falou sobranceira e com pouco caso... Era o que eu devia fazer. Arrazar todo aquele falso carinho. Todo aquele interesse fingido. Toda aquela afetuosidade estudada e preconcebida. Toda aquela manobra feita de hipocrisia e somente para inglês ver. É o inglês no caso. *Tudo isso é fingimento, para um profissional: Claudionor, seu filho, só é um brasileiro que é o traidor do Claudionor, a vítima inocente das duas aranhas coranguejeiras que o envolvem e que são vocês (P.T.)* Palavra de honra que eu tenho pena ~~daquele rapaz~~. *dele, você sabe?*

Lolita - Não tenha tanto, titio. Ele talvez mereça o destino que o aguarda.

Solano - Como?!... O que é que tú queres dizer com isto?!

Lolita - Apenas o que disse, titio. Que ele talvez mereça um castigo.

Solano - Mas porque disse isso? Deves ter um motivo.

Lolita - Não, não... disse por dizer.

Solano - Olha, minha filha, eu sou velho mas não sou trouxa. Sou distraído, é verdade, e custo muito a me aperceber das coisas, mas depois que observo o jogo... ninguém mais me tapeia. Vamos, conta-me o que ha contigo e o Claudionor.

Lolita - Não ha nada, titio, já lhe disse.

Solano - Tú não sabes mentir. Por que me ocultas a verdade? Não tens confiança em mim? Não crês que eu seja teu amigo? Sou e muito, Lolita. O que acontece é que sou um covarde e deixo que minha filha e minha mulher judiem contigo, mas a verdade é que sofro e muito quando elas te fazem qualquer coisa.

Lolita - (desata a chorar, audível mas mansamente).

Solano - Vamos, vamos, eu não quero que chores. As tuas lágrimas tornam-me ainda o meu remorso de não ter sabido defender-te como deveria. Sim,

→ *Amor*

porque eu te tomei, pequenina dos braços de minha irmã agonizante e prometi a ela que te daria todo o meu amparo e todo o meu carinho. E onde está esse amparo e esse carinho que prometi à pobre moribunda?

Lolita - (chorosa) Em tudo que tenho e que devo ao senhor, titio. O senhor foi sempre tão bom para mim.

Solano - Não tanto quanto deveria ter sido e quanto merecias que eu fôsse.

Lolita - Não diga isso, por Deus.

Solano - Digo, sim. Não sou a metade do que deveria ser e tudo pela minha maldita covardia. Mas enfim... pode ser que um dia eu me liberte dela.

Lolita - Basta que o senhor me queira sempre bem e eu já estarei feliz e contente.

Solano - Sobre isto tu não precisas ter nenhuma dúvida. Mas deixemos isso de parte e voltemos ao ponto inicial da nossa conversa que não ficou esclarecida. Quero que me fales de Claudionor. Sinto que houve qualquer coisa entre vocês e desejo que me contes tudo.

Lolita - Eu não desejava tocar nesse assunto, titio.

Solano - Mas eu sou teimoso, tu sabes, e enquanto não me disseres toda a verdade, eu ficarei sempre a bater na mesma tecla. Água mole em pedra dura... tanto bate até que fura.

Lolita - (depois de pausa) Pois bem, titio... já que o senhor insiste...

Solano - Insisto, sim. Já te disse que faço questão cerrada de saber de tudo. Talvez não adiante nada, mas assim mesmo eu faço.

Lolita - Pois bem... o que houve, titio, foi o seguinte: quando Claudionor se aproximou da nossa casa, era a mim que ele namorava. Titia ao saber do fato, fez uma tal oposição e me prendeu de tal forma em casa que eu nunca mais tive oportunidade de me avistar com ele.

Solano - Bandida da Altamira!

Lolita - Uma tarde em que ele rondava a nossa casa com desespero, titia fez com que Laurita fôsse falar com ele. Ela foi. O que lhe disse de mim, até hoje não sei. Sei, apenas, que daquele dia em diante, eles passaram a sair juntos todas as tardes até que chegou o momento em que ele a pediu em casamento.

Solano - Que infâmia, meu Deus! Que perversidade!

Lolita - Perversidade, sim, titio, porque a verdade é que Laurita não ama Claudionor e sabe que eu o amo apaixonadamente.

OPERADOR - RAJADA MUSICAL, EM CIMA, SEM CORTAR.

Solano - (após a surtida) Tu... tu o amas, minha filha?!...

Lolita - Com desespero, titio. Tenho feito tudo para reagir contra esse sentimento que tem para mim o gosto de um pecado, uma vez que ela é noiva de minha prima, mas todos os meus esforços têm sido inúteis. Toda a vez que o vejo de braço com Laurita, sinto como que se um punhal agudo se cravasse no meu peito e me ferisse de morte o coração. É a ferida que lateja e eu a sofrer. É a luta ingente que tenho sido obrigada a sustentar para sopitar a revolta que sinto contra Laurita. Essa revolta imensa... gigantesca... profunda! Sim, porque ela não o ama, titio. Não o ama mas vai se casar com ele. É o esforço que sou obrigada

de a fazer para afastar de mim a ideia de que ela vai fazer isso apen-
nas pelo prazer de desfazer o meu sonho! (Chorando) Oh titio, titio!...
Se o senhor soubesse o quanto eu tenho chorado por causa disto!... ~~Quem~~
~~te eu tenho chorado!~~... As lágrimas amargas que tenho vertido em silen-
cio, na solidão do meu quarto triste... são lágrimas que ele nem se mere-
ce!...

Solano - Quem sabe, minha querida? Quem sabe?! Podemos lá saber as artimanhas
de que se terá utilizado Altamira para convencê-lo a desistir de você?
As coisas que terá dito a seu respeito? Você nunca mais falou com ele
a sós?

Lolita - Nunca mais, titio. Por duas ou três vezes tive ímpetos de fazê-lo, mas
me pareceu uma indignidade tão grande que fiquei a tremer e não lhe dis-
se nada. Retirei-me em silêncio, contendo a custo as soluços que me su-
cudiam o corpo e a alma.

Solano - Pobre da minha Lolita! Tão desamparada! A única pessoa que poderia fa-
zer alguma coisa por ela é um covarde tão grande que se encolhe e retrai
aos lampejos de uns olhos duros e cinzentos! Mas há tempo, ainda, de re-
parar o mal imenso que a minha covardia tem te causado, minha querida.
Com a minha distração e a minha displicência, não havia notado ainda o
sofrimento que a minha falta de energia estava ocasionando na tua vida,
mas despertei ainda em tempo e te prometo, pela memória de tua mãe, que
hei de fazer alguma coisa para te salvar.

Lolita - Não, titio, não. Eu não quero que o senhor se indisponha com titia por
minha causa.

Solano - Já te disse que quero salvar-te e te salvarei.

Lolita - Diga-me, ao menos, o que pretende fazer, titio.

Solano - Não sei, minha querida. Confessa-te que não sei, mas de uma coisa posso
estar certo: diante do inevitável os covardes, às vezes, crescem e se
tornam gigantes!

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO TERCEIRO ATO. RUIDO DE FÁBRICA EM FUNDO

Claudionor - Recebi seu recado para vir procurá-lo no escritório da fábrica e me
surpreendi, principalmente, com a recomendação expressa de não dizer nada
à sua esposa nem à sua filha.

Solano - Sim, sim, eu recomendei muito ao rapaz que levou o meu chamado, que você
guardasse absoluto segredo sobre ele. Mas sente-se, por favor. Temos
muito que conversar.

Claudionor - Pois não.

CENTRA REGRA - MOVIMENTO DE CADEIRA.

Solano - Você está com o meu casamento marcado para...

Claudionor - (Pausa breve) Para Janeiro, seu Solano.

Solano - De aqui por aí, portanto.

Claudionor - Exatamente.

Solano - Muito bem. A minha mulher tinha se pedido, ou melhor, tinha exigido -
sim, porque ela não pede, ordena - que eu lhe pusesse como chefe de es-

critério aqui na fábrica, logo que você regressasse da viagem de lua de mel que nós lhe ofereceríamos como presente de casamento.

Claudionor - Sim, sim... ela me falou sobre isso.

Solano - Pois é. Aconteceu, entretanto, que as coisas aqui pela fábrica, em vez de progredirem, como se esperava, deram para trás de uma forma tal, que eu estou vendo as coisas muito mal paradas e já não tenho coragem de lhe tirar do seu emprego, onde você afinal não ganha mal, para vir enfrentar uma situação que nós não sabemos, no frizir dos ovos, em que ficará. Sabe que mais, meu amigo? Eu vou botar de parte os preambulos e vou lhe falar com toda a franqueza, como de pai para filho.

Claudionor - Claro, seu Solano, faça isso. Não vejo razão para que existam con-
trangimentos entre nós.

Solano - Pois bem, meu amigo, a verdade é a seguinte: eu estou quebrado.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, EM BG SEM CORTAR.

Claudionor - (choque) O que?!...

Solano - É isso, sim, não se espante. A verdade é essa. Estou quebrado. Fali-
do. Fracassado. Tenho feito das tripas coração para manter as aparên-
cias, mas infelizmente isso não poderá durar muito mais tempo.

Claudionor - Mas como é possível isto, seu Solano? Um homem que todos diziam por-
suir uma fortuna tão grande e tão sólida...

Solano - Pois é para você ver. Como aconteceu isso não sei, mas a verdade é
que, desgrazadamente, aconteceu. Davo tudo, meu amigo. As máquinas da
fábrica, o prédio, a casa onde moro, os vestidos da minha mulher e da
minha filha, devo até a própria roupa que visto. E a verdade é que
agora já não posso mais entreter os meus credores com promessas. Eles
querem dinheiro no duro e dinheiro no duro eu não tenho. Digo-lhe
mais: não lhe posso dar nem mesmo a viagem de núpcias que lhe havia-
mos prometido. Que lhe havíamos, não, que a minha mulher havia lhe
prometido.

Claudionor - Bem, mas... por isso o senhor não se aborrega, seu Solano. Isso não
tem nenhuma importância para mim.

Solano - E mesmo que tivesse não teria remédio, porque a verdade é que eu não
lhe posso dar mais a viagem.

Claudionor - E quanto à situação aqui na fábrica, vamos esperar mais um pouco.
Não há necessidade que eu venha para cá logo ao dia seguinte do cas-
amento. Podemos aguardar para ver como ficam as coisas.

Solano - Era justamente o que eu desejava combinar com você, além de lhe dizer,
com toda a lealdade, a verdadeira situação em que me encontro, para
que você ficasse sabendo, antes de se casar, que não poderia contar
comigo para coisa alguma.

Claudionor - Por isso o senhor não se aflija nem se preocupe porque eu tratarei
de arranjar como tenho me arranjado até aqui.

Solano - Pois muito bem, então estamos entendidos e eu folgo em ver que você
não se desespera.

Claudionor - Ora essa! Naturalmente que me preocupo com a sua situação pelo

senhor, é claro, mas por mim arrango-lhe que o fato não tem a menor importância. (P.T.) Dona Altamira e Laurita já sabem do que está acontecendo?

Solano - Ainda não lhes disse nada, mas penso que hoje ou amanhã serei obrigado a fazê-lo. Tenho muita pena de lhes dar tamanho desgosto, mas não há outro remédio.

Claudionor - Elas não de se conformar com a situação. São muito compreensivas e além disto lhe querem muito.

Solano - (cético) É... vamos ver...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Laurita - (entre triste e revoltada) E agora, mãe?! Que faremos, diante de uma desgraça tão grande?!...

Altamira - (firme e agressiva) Eu sei o que faremos.

Laurita - Pois então diga-me que eu estou completamente desmorteada.

Altamira - Desmancharás o casamento com Claudionor, que é um pingado, que conta com o dinheiro do fracassado do teu pai, e aceitarás o doutor Remião que te adora e tem dinheiro para botar fora.

Laurita - (enjoada) Mas ele é tão mais velho do que eu e tão exqu岸ito, mãe...

Altamira - É o que tem isso? Mais ressaltará a tua beleza e a tua elegância quando apareceres pelo braço dele. E depois - lembra-te - ele te promete uma viagem de núpcias a Paris, levando-me, também, para que não te separe de mim. Queres coisa melhor do que isso? Eu nem sei como não cogitamos antes de desistir do Claudionor e aceitar a proposta dele.

Laurita - Bem, é que não havíamos pensado na possibilidade que agora nos assalta de nos vermos a braços com a miséria.

Altamira - (horror) Cruze-se, minha filha! Nem pronuncies essa palavra que me dá um 2 frisson". (Pausa e tom) É o que temos que fazer sem a menor demora. Vai agora mesmo telefonar para esse fantoche que é o teu noivo e desfaz o compromisso que tens com ele.

Laurita - Sim, mãe.

Altamira - E em seguida já telefona para o doutor Remião, combinando de irmos juntos, esta noite, a um cinema qualquer.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL (no jardim da casa)

Claudionor - Então é certo que ela se recusa a entender-se pessoalmente comigo?

Lolita - Sim, Claudionor e você pode crer que eu fiz tudo para que ela atendesse à sua solicitação.

Claudionor - (digno) Está bem, eu não insisto. Lamento profundamente, mas não me resta outra coisa a fazer senão tratar de esquecê-la.

Lolita - E apesar do que você se fez sofrer e da decepção que me causou, acredite que também lamento - e muito - a que você está experimentando agora, Claudionor.

Claudionor - Apesar do que eu lhe fiz sofrer, você disse? Mas como?! Si eu não fiz nada que atender o pedido que você mandou me fazer por intermédio de sua prima...

Lolita - Pedido? Eu? Mas eu nunca lhe mandei pedir coisa alguma?!...

Claudionor - Pois então saiba que sua prima, logo nos primeiros dias do nosso namoro, veio me procurar para me dizer que você mandava pedir que eu me afastasse definitivamente de você para não perturbar o curso da sua vida. Como eu não percebesse a razão daquele pedido, ela me explicou que você era uma moça pobre e que estava quasi noiva de um rapaz muito rico que em breve lhe asseguraria uma posição definida no mundo social e financeiro da cidade. Considerei a situação e não tive dúvidas em me afastar logo e definitivamente do seu caminho. Foi quando comecei o namoro com sua prima.

Lolita - Que baixeza, meu Deus!... Que infâmia!... Como é possível que pudessem inventar uma coisa dessas, si nem namorado eu tinha?

Claudionor - E sabia mais: que si eu lhe fiz sofrer, também sofri muito por sua causa e foi mais por despeito do que por qualquer outro sentimento que procurei namorar a sua prima. Depois... naturalmente... com a convivência, acabei me afeiçoando a ela; mas ao princípio, juro-lhe, foi puramente o despeito que me levou ao encontro de sua prima.

Lolita - Pois bem, agora que já sabe que nada disso era verdadeiro, vá embora e trate de esquecer Laurita. Si algum dia chegar a conseguir esse intento.

Claudionor - (depois de pausa) Que faço?

Lolita - Se outra, mais feliz, não lograr apoderar-se do seu coração, procure-se na certeza de que eu nunca o trocarei pela maior fortuna que possa aparecer no meu caminho.

Claudionor - (emoção) Lolita!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

L Mais: Ruiuão, na Sala.

Laurita - Vamos viajar de avião!

Altamira - Passar a lua de mel em Paris!

Laurita - Comprar modelos nos costureiros mais requintados da Rue de la Paix.

Altamira - Fixar residência, depois, no Rio de Janeiro!

Laurita - Edificar um palacete na Avenida Atlântica!

Altamira - Vamos ter um automóvel só para nós!

Laurita - Com chofêr e tudo!

Altamira - E chofêr fardado!

Laurita - Empregadas à vontade na minha casa!

Altamira - E todas de uniforme!

Laurita - Manicure que irá fazer as minhas unhas de dois em dois dias!

Altamira - E cabeleireiro que também irá à nossa casa para nos cortar os cabelos de dois em dois dias. (TOM) Que me diz a isso, hein seu paspalhão?

Solano - (sem discrição) Que em muito pouco tempo vocês estarão ^{para casar e} sem cabelo.

Altamira - (fora) Foi só o que você achou para dizer, "gracinha?"

Laurita - Deixa, mãe, não liga. Ele está é despeitado porque vai ficar aqui no miserê, enquanto nós vamos ter um estadão que poucos conseguem ter.

Altamira - E ~~que~~ ele nunca teve e nunca nos quis dar porque era um velho sovina ~~que~~ ^{passasse} que todo o dinheiro era pouco para gastar nas suas farras à noite. Sim, porque ninguém me convence dessa cantilena de "maus negócios". Ele gastou foi com as deslembidas que lhe sugeram até o último níquel e agora estão rindo da cara dele. E eu agora que

fique aqui a usar vestidos de chita e a fazer toda a lida da casa? Não mesmo. Era só o que faltava! Elas que venham fazer. A filha da minha mãe, nunca! Vou embora, nunca mais volto aqui e elas que façam muito bom proveito de você. Foram elas que lhe comeram a carne; não foi? Pois então que lhe roam os ossos. (TOM) Pronto, minha filha, agora podemos ir. Já ~~me~~ disse tudo que tinha vontade de dizer, *para esse cachorro*.
Laurita - Vamos, sim, mãe. Vamos ~~que o meu maridinho já deve estar afilado com a nossa demora~~.

CONTRA REGRA - PASSOS DAS DUAS QUE SE AFASTAM.

Lolita - (sincera, depois que os passos se afastam bem) Pobre do velho! Como vai sofrer nas mãos dessas duas! Tenho uma pena dele!...

Folano - Eu também. E ele nem sabe como eu lhe quero bem por nos livrar da presença dessas duas víboras. (TOM) Bem, minha filha, e agora que viramos a última página do primeiro volume dessa *tragi-comédia*, tratemos de escrever o segundo *volume* que, si Deus quiser, há de ser de paz e de tranquilidade!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA. PASSOS DE MOÇA. PORTA QUE SE ABRE.

Lolita - (surpresa feliz) Claudionor!... Há quanto tempo!... Cheguei a pensar que você estivesse fora, ~~de aqui~~!

Claudionor - E estive, realmente. Passei dois meses na fazenda de um amigo, no interior, cheguei ontem e não resisti ao desejo de vê-la.

Lolita - Soube que... que Laurita casou?

Claudionor - Não falemos mais dela, Lolita. Aguas passadas nãoovem moínhas.

Lolita - Conseguiu... esquecê-la?

Claudionor - Que prova maior você quer? Não estou aqui?

Lolita - Mas entre, por favor. Eu fiquei tão aturdida com a surpresa que você me causou que lhe deixei na porta ~~da paz e não sei~~ *e não* lhe ofereci entrada. (ri)

CONTRA REGRA - PORTA QUE FECHA. PASSOS DOS DOIS POR ALGUM TEMPO.

Claudionor - Seu tio como está?

Lolita - Muito bem, felizmente. Creio que não deve demorar. Mas sente-se, por favor.

Claudionor - Obrigado. Você está com bom aspecto. Parece até, que engordou um pouquinho.

Lolita - Engordei, realmente. Desde que titia e Laurita se foram... a vida se modificou bastante aqui em casa. Há paz e tranquilidade que antes não havia.

Claudionor - E a paz é realmente um grande bem, Lolita. Por ela é que devíamos lutar sempre. Por mais nada. Só agora, lá na fazenda, onde estive, na quietude do campo, foi que consegui compreender a mensagem de Deus e chegar a esta conclusão. Considerando o que me acontecera, a desilusão que ~~me~~ e o erro que cometera dando o meu coração a quem não o merecia, foi que cheguei à conclusão de que não deveria estar triste por deixar-me abater pelo sofrimento, pois que a sorte ainda chegara em tempo de impedir que eu praticasse a loucura de me casar com uma

ter que não me amava e que não merecia o meu amor. E foi pensando assim todas as vezes que a sua lembrança me assaltou que consegui, em poucos dias, afastar completamente do meu coração a lembrança de Laurita. Mas o coração não desejava ficar só e buscava logo outra lembrança que pudesse ocupar o lugar daquela que ele expulsava. E a outra... era você, Lolita. E tantas vezes busquei a sua lembrança para não permitir que Laurita voltasse, que acabei escravizado à sua imagem e sem ~~meu~~ poder ^{man} afastá-la do meu coração.

Lolita - (enlevada) Claudionor!...

Claudionor - Hoje estou aqui para lhe pedir perdão do mal que lhe possa ter causado e para agradecer-lhe o bem que você me fez com aquela revelação inesperada do seu amor, ~~por mim~~, naquele momento de aflição em que eu me via repudiado pela mulher que acreditava amar. A sua revelação foi como a corda que se estira ao naufrago, no momento em que se esgotaram totalmente as suas energias e ele vai ser tragado pela fúria das águas.

OPERADOR - PORTA APASTADA QUE SE ABRE E SE FECHA PASSOS DE HOMEM QUE SE APROX.

Lolita - Titio deve estar chegando e vai ter, também, uma grande surpresa com a sua visita.

Solano - (chegando) Boa tarde, mi... (TOM) Olá!... Que foi que houve com você, rapaz?

Claudionor - Vim lhe fazer uma visita, seu Solano.

Solano - Uma visita? (gaiato) Para mim, mesmo? Deixa de grupo e diz logo a verdade, rapaz. A visita é para a Lolita e não para mim. A trôco de que, um moço como você, há de vir numa casa onde há um velho e uma moça e lá de vir ~~visitar~~ o velho?

Claudionor - Pois engana-se, seu Solano. A visita era realmente para o senhor. Era não, é.

Solano - Mas eu não acredito, aí é que está. Eu sou velho mas não sou trouxa.

Claudionor - Pois eu lhe asseguro que é. E vim visitá-lo sabe para que? Para lhe fazer um pedido.

Solano - Muito bem, meu rapaz, muito bem. Concedo-lhe a mão de Lolita, sim, como não? Casem-se e sejam muito felizes.

Lolita - (pasma) Mas titio, que é isto?!...

Solano - Isto é que, menina? Não era isto que você ia me pedir, rapaz?

Claudionor - (rindo) Era, sim senhor.

Solano - Pois então. Está aí, está tudo certo. Que outra coisa mais ele haveria de querer pedir-me? Está pronto, estão noivos. Abracem-se e beijem-se enquanto eu olho esta revista.

CONTRA REGRA - RUIDO DE FOLHEAR UMA REVISTA EXAGERADAMENTE.

Solano - (Passando para 2º plano) Tem umas coisas tão bonitas aqui! Tão bonitas!

Claudionor - Lolita!... (Pausa) Estás contente, minha querida?

Lolita - Feliz, meu amor! Muito feliz!...

Solano - (2º plano) Como é? Já posso olhar?

Lolita - (rindo) Óra, titio! Por que toda esta comédia, si o senhor estava aqui por trás da revista que eu estava vendo? (RIEM OS TRÊS) X(?)

Solano - (depois de pausa) Bem, vamos a saber de uma coisa: quando pensa casar, hein moçinha?

Lolita - (escandalizada) Titito!...

Solano - Ué! Titito por que? É claro que eu preciso saber, óra essa.

Claudionor - E eu lhe respondo, ~~agora mesmo, seu Solano~~ ^{por que não?} dentro de três meses, no máximo, estaremos casados.

Solano - Pois muito bem, vocês vão fazer também uma viagem de núpcias a Paris e na volta você vai deixar o seu emprego e assumir a direcção geral da minha fábrica. Entendeu ben? É o presente de casamento que eu ofereço aos dois.

Claudionor - Mas... assumir a direcção da sua fabrica como? E aquele negocio que o senhor me falou?

Solano - Que negocio?

Claudionor - A situação da fábrica. Quer dizer então que... que tudo melhorou?

Solano - Por que melhorou? A situação sempre foi ótima, graças ao bom Deus!

Claudionor - Mas e aquela historia toda de hipotecas e de dividas que o senhor me contou?

Solano - Óra, aquela história! Aquela historia foi um truque de que eu me utilizei, com a ideia de afastá-lo de minha filha, pensando que você ia casar com ela pelo meu dinheiro, entende?

Claudionor - O senhor pensou isto de mim?

Solano - Olha, velhinho, pensei. Desculpa mas eu pensei. Errei na minha desconfiança, mas nunca esperei tão bons resultados como os que obtive com aquela bandida mentira. Minha filha se afastou de você, deixando o meu ninho aberto para Lolita que o amava verdadeiramente. Além disto... a praga da minha mulher lá está em Paris e Deus permita que ela nunca mais se lembre de voltar para o meu lado. Digam agora: foi ou não foi um grande golpe?

Claudionor - Um golpe de mestre, sim senhor.

Solano - E você, Lolita, lembra-se quando uma vez lhe prometi fazer qualquer coisa pela sua felicidade?

Lolita - Lembro-me, sim, titio.

Solano - Que me diz agora do que eu fiz? ^{hein?}

Lolita - Um trabalho maravilhoso! E graças ao senhor, titio, eu hoje posso dizer, com a alma inundada de ventura e de alegria, a vida... premiou meu coração!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO.

DISTRIBUIÇÃO:

Solano.....

Altamira.....

Laurita.....

Claudionor.....

Lolita.....

Remuneração.....

~~Raf. Leite~~

~~Claudia Martins~~

~~Rosamaria Amaro~~

~~Wilson Fragoso~~

~~Zelma Aguiar~~

J. Torres Gama
Luiz de Faria
Marlene Perry
Guay Esmada
Rita Maria
Julia Costa

10 Copias